

HUMANIZAÇÃO E FORMAÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO

Jacques Andre Grings¹
Shirlei Alexandra Fetter²

Resumo:

O presente artigo compõe-se de reflexões sobre o referencial teórico freiriano objetivando descrever a formação humana para o mercado de trabalho. Paulo Freire é reconhecido no campo educacional por ter concebido uma Pedagogia comprometida com a humanização e a libertação do ser humano, na luta pela construção de um mundo mais justo e solidário. É nessa perspectiva do seu pensamento que nasceu a curiosidade de conhecer como a proposta de Paulo Freire pode contribuir para a organização do currículo na escola e na formação para o trabalho.

Palavras chave: Educação. Formação profissional. Humanização.

Introdução

Paulo Freire por sua andarilhagem em meio aos oprimidos do mundo, conhecendo seu modo de pensar, seu nível de consciência e condições de lidar com a realidade aponta-nos alguns caminhos que podem ser trilhados no sentido de discutir uma proposta educacional voltada à emancipação humana e formação para o mundo do trabalho.

Desta forma o texto faz breves reflexões sobre os conceitos e fundamentos da educação para o trabalho, com a perspectiva de envolver, neste processo, aqueles que comprometidos com as mudanças sociais evidenciam a aprendizagem voltada à autonomia e a libertação.

¹Jacques Andre Grings. Professor na escola Unipacs de Taquara. Graduado em Administração de empresas pelas Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. Especialização em Mídias na Educação pelo IFSUL. (e-mail: Jacques.grings@gmail.com)

²Shirlei Alexandra Fetter. Professora na rede municipal de Parobé, em regime efetivo. - Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. Especialização em Gestão Educacional com Ênfase em Orientação e Supervisão pela mesma instituição. Especialização em Mídias na Educação pelo IFSUL. (e-mail: fetershirlei@gmail.com)

O texto traz a proposta de reorganização reflexiva sobre os conceitos curriculares que busquem modificar os tradicionais enfoques de conhecimento e passe a envolver o educando no pensar reflexivo sobre a sua realidade.

Nesse exercício de construção o referido trabalho se deu nos aspectos teóricos destacados, por meio do estudo bibliográfico, evidenciando a coerência sobre a teoria e a prática, neste caso a preparação do trabalhador, buscando idealizar uma educação transformadora, emancipadora e libertadora.

O Sentido da educação para o trabalho

As reflexões sobre o assunto se iniciam na fundamentação sobre o verdadeiro sentido da educação. É um processo de desenvolvimento integral do sujeito desenvolvendo suas potencialidades. O ato de educar requer atuação conjunta de todos os envolvidos, sendo eles: pais, professores e comunidade em geral, pressupondo olhar sistêmico para o processo de aprendizagem, de maneira a propiciar a autotransformação do sujeito humano.

Para bem educar, segundo Freire (1979) é necessário amar, ouvir, respeitar e acolher as diferenças. Juntamente ao comprometimento e responsabilidade por parte de quem educa e pelo educando. Esses aspectos permitirão que o educando possa superar suas dificuldades e a educação possa se constituir em uma ponte capaz de gerar a verdadeira liberdade e autonomia.

Com base no inacabamento, a educação é também um processo cultural e transformador, despertando o desejo e a vontade de aprender. Quando, na condição de educadores, nos permitimos perceber e sentir a subjetividade humana vinculada de forma inseparável à educação e desta guiar os educandos pelo exemplo positivo sobre o ato de estudar Freire (1995).

Ao falarmos em preparação para o mercado de trabalho, falamos na educação para o trabalho, esta requer do educando comprometimento, iniciativa e aprimoramento. Assim ressalta Freire (1995, p.23) “a base da autenticidade da ação do homem só tem sentido se for compromissada com a realidade”.

Em nossa sociedade, o mundo do trabalho está associado mais fortemente à sobrevivência. Mas o conceito de trabalho vai além do seu formato como emprego assalariado, embora nossa tendência seja associá-los o conceito de trabalho pode

ser considerado como um processo de humanização, caracterizado por Freire (2011) não apenas de caráter técnico, mas também e principalmente de conhecimentos e habilidades humanas.

A possibilidade de compreensão das dimensões que envolvem os diversos processos da formação humana do ser social, entre eles a formação para o trabalho, oferece um caminho potente para construir formas de luta e de resistência em relação a todo tipo de opressão humana. Luta e resistência no enfrentamento do conservadorismo e do retrocesso e tendências que invadem nossas vidas. Conforme advoga Freire (1980, p.80) “esta falsa concepção de educação, que se baseia no depósito de informes nos educandos, constitui, no fundo, um obstáculo à transformação. Por isto mesmo, é uma concepção anti-histórica de educação”.

As teorias de currículo na formação para o trabalho

O currículo escolar abrange as experiências de aprendizagens implementadas pelas instituições escolares e, deverão ser vivenciadas pelos estudantes. Nele estão contidos os conteúdos que deverão ser abordados no processo de ensino-aprendizagem e a metodologia utilizada para os diferentes níveis de ensino.

Para a Pedagogia Freireana o currículo escolar não se afasta do entendimento de ser humano como um ser inconcluso e que, sendo inacabado, tem vocação para ser mais, através de um permanente movimento de busca. Freire (2002, p.55), chancela que “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”.

O autor faz referências que o currículo escolar deve contribuir para construção da identidade dos alunos na medida em que ressalta a individualidade e o contexto social que estão inseridos. Além de ensinar um determinado assunto, o currículo significativo deve aguçar as potencialidades e a criticidade dos alunos. O conhecimento voltado às ações é entendido por Freire (2003, p.92) como sendo “[...] reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte do conhecimento reflexivo e criação”.

É através das teorias que teremos a compreensão e a intensão sobre um determinado grupo social, neste sentido as teorias tradicionais tem como objetivo a

prática de memorização com tendência conservadora, baseada nos princípios de Taylor, esse que igualava o sistema educacional ao modelo organizacional e administrativo das empresas. Para Freire (2003) essa teoria se opõe à fundamentação pedagógica de formar cidadãos autônomos, capazes de desvendar e enfrentar os desafios sociais, entre eles os desafios do trabalho.

As teorias críticas buscam argumentar a inexistência de teoria neutra, deixando implícito que os conteúdos reproduzem a desigualdade social, fazendo com que muitos alunos saem da escola antes mesmo de aprender as habilidades. Sobre esta concepção, Paulo Freire (2003) nos convoca profundamente para uma reflexão no compromisso com a vida e com a justiça na tarefa humana de permanente transformação da realidade para a libertação dos homens.

A perspectiva das teorias pós-críticas, englobadas no século XXI, surgem direcionadas e vinculadas ao conhecimento, identidade e poder com temas sobre gênero, raça, etnia, sexualidade, subjetividade, multiculturalismo entre outros. Nestes aspectos, Freire (2003) nos incita a pensar e trabalhar uma proposta valorizando “[...] uma Educação Humanizadora, por defender o desaparecimento da opressão desumanizante onde as pessoas se acham quase coisificadas” (p.62).

Dessa forma, a proposta curricular pensada pelo educador é de uma educação humanizadora e emancipadora, que possibilita ao ser humano vir a ser um sujeito ativo, fazedor da sua história e liberto dos condicionantes deterministas impostos pela ideologia dominante e do sistema capitalista, proposta pelo mundo do trabalho.

Formação para o mundo do trabalho

Ao acompanhar o desenvolvimento educacional da classe trabalhadora e do próprio sistema educacional, em específico para o mundo do trabalho, Paulo Freire (1979) constata a necessidade de uma transformação nas práticas sociais visando uma nova perspectiva de consciência que possibilite discutir o contexto social, no qual se encontra inserido o sujeito trabalhador.

O educador orquestrou sua crítica a respeito da educação que debilita o potencial humano, quando a educação deveria estimular a libertação da consciência para o desenvolvimento da potencialidade criativa e emancipação do sujeito social e

das classes trabalhadoras. Para Freire (2003) a libertação do homem oprimido, tão necessária a si e ao opressor, será possível mediante uma nova concepção de educação: a educação libertadora, aquela que vai remar na contramão da dominação.

Escolas identificadas com a capacidade de relacionar os conteúdos trabalhados fazem mais sentido. Segundo Delors (1999) o trabalho não deixa de ser um ambiente de educação e de aprendizagem, principalmente quando reconhecido socialmente. As fundamentações constituídas no ambiente escolar reconhece que nada será validado enquanto não houver a experiência prática, a ligação estruturada entre a escola e a empresa conciliando os saberes aos saberes-fazeres.

A dinâmica entre o trabalho e os estudos dos indivíduos dependerá de sua estrutura cognitiva para o seu desenvolvimento e sucesso nas atividades a serem realizadas, uma vez que, segundo relatos apresentados por Freire, “prepara os homens, no plano da ação, para a luta contra os obstáculos a sua humanização” (2003, p. 134).

Nesse sentido, Paulo Freire (1995) acreditava que a transformação da realidade se dará a partir da tomada de consciência da real condição material de exploração à qual os sujeitos humanos trabalhadores estão submetidos. Outro elemento importante abordado por Freire é a questão da politicidade da educação. Segundo ele, a educação nunca é neutra. E, “não sendo neutra, a prática educativa implica opções, rupturas, decisões, estar com e pôr-se contra, a favor de algum sonho e contra outro, a favor de alguém e contra alguém”. (FREIRE, 1995, p. 39).

Considerações finais

Através desta sucinta reflexão procuramos evidenciar a causa defendida por Paulo Freire acerca da problemática, as reflexões destacam o sentido de promover a libertação da consciência e a emancipação do sujeito humano trabalhador. Nosso autor, incansavelmente defendeu a práxis revolucionária como possibilidade de transformação da sociedade.

Logo, a opressão via exploração da força de trabalho humana, propiciada pela necessidade da sobrevivência, característica inerente ao modo de produção desenvolvido pelo sistema capitalista, conforme muito bem observado por Paulo

Freire, termina por converter o homem em coisa/objeto, em ser receptivo e não pensante, desumanizando-o.

Assim, conforme o próprio Freire caberia à educação problematizadora, através das concepções curriculares, esclarecer e auxiliar na libertação da consciência humana, para que sujeito tenha condições de assumir sua condição de ser social ao modo de contribuir para a transformação de sua própria realidade.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Educação e mudança**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.